



EMBRAPA

UEPAE de Manaus
Rodovia AM-010, km 30
Caixa Postal 455
69000 Manaus, AM

ISSN 0100-8811

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 41, ago/84, p. 1-2

EFEITOS CAUSADOS PELA PULGUINHA *Chaetocnema* sp NA CULTURA DO ARROZ EM ÁREAS DE VÂRZEA NO AMAZONAS

Jociclér da Silva Carneiro¹

Expedito Ubirajara Peixoto Galvão¹

Nas áreas de várzea a pulguinha incide fortemente nos primeiros 20 ou 30 dias após a emergência da cultura do arroz, pois este inseto é praga das gramíneas existentes nas áreas de cultivo. Quando a infestação é muito intensa, as folhas ficam amareladas e ressecadas, causando sérias preocupações ao produtor, levando-o a efetuar pulverizações constantes.

A pulguinha do arroz é um coleóptero (*Chrysomelidae*) de aproximadamente 1,5 mm de comprimento x 0,9mm de largura, fêmures anteriores robustos, coloração metálica preto esverdeada. Este inseto raspa as folhas jovens destruindo a clorofila e causa enfezamento das plantas. Quando as folhas ficam velhas, as lesões causadas por este inseto se tornam semelhantes à escaldadura da folha (doença causada pelo fungo *Rhynchosporium oryzae*). No Quênia a *Chaetocnema pulla* é transmissora do vírus da mancha amarela do arroz.

Com o intuito de avaliar os danos causados por esta praga foi instalado no ano agrícola 1983/84, no campo experimental do Caldeirão, um experimento utilizando-se a cultivar BR-1, no espaçamento de 0,30m x 0,30m, em solo Gley Pouco Húmido, textura franco cuja análise química revelou pH 5,0; 13,0 meq de $Ca^{2+} + Mg^{2+}$ / 100g de solo; 0,4 meq de Al/100g de solo; 5,7 ppm de P; e 138 ppm de K. A semeadura foi feita com auxílio de espeque, na densidade de cinco sementes por cova. As sementes foram tratadas antes do plantio com Aldrin 40 TS, na dosagem de 450 g/saco de 60 kg. A dimensão da parcela foi de 5m x 5m, distanciadas de 5m, entre si

¹Engº Agrº, M.Sc., EMBRAPA/Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Manaus (UEPAE de Manaus), Caixa Postal 455, CEP 69.000 Manaus, AM.

e entre blocos. As amostragens foram feitas nas linhas diagonais e medianas, escolhendo-se ao acaso 10 plantas em cada uma das linhas. Nelas foram observadas as porcentagens de ataque, tomando-se por base as raspaduras mais recentes.

Os tratamentos foram 5%, 10%, 20%, 50% e 100% das folhas com sintomas, condicionadas por 5, 4, 3, 2 e zero pulverizações respectivamente, utilizando-se Carvin 85 PM na dosagem de 30 gramas por pulverizador de 20 litros + 10 ml de espalhante adesivo. O delineamento utilizado foi o de blocos ao acaso, com 5 tratamentos e 4 repetições. Durante as pulverizações foi utilizado o bico denominado "Chapéu de Na poleão" para que o inseticida ficasse restrito à parcela na qual o mesmo estava sendo aplicado.

Concluiu-se que a pulginha não se constituiu praga, pois, após 50 dias de emergência não mais havia indício de ataque da mesma e as produções não diferiram estatisticamente ao nível de 1% de probabilidade (Tabela 1).

TABELA 1. Produtividades alcançadas pela cultura do arroz nos diferentes níveis de infestação. Manaus, 1984.

Número de Pulverizações	Níveis de infestação (%)	Produtividades kg/ha
5	5	4.200
4	10	4.240
3	20	3.840
2	50	3.920
0	100	4.200

Média de 4 repetições

CV = 15,02%

É importante frisar que a recuperação total das plantas, não pulverizadas, deveu-se ao fato de esta praga incidir na fase vegetativa da cultura, quando a mesma apresenta elevado poder de recuperação após precipitações pluviométricas.

Muito embora com duas pulverizações se observaram 50% de infestação, em período chuvoso, no caso de período seco, como não há lavagem do inseticida, duas pulverizações (aos 5 e aos 15 dias após emergência de cultura) são suficientes para controlar esta praga.